

RESENHA



MUSICAL

F.C.

Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. Cons. Crispiniano, 79 - 8.º andar — S. PAULO

ANO IV

SÃO PAULO — MAIO — 1942

NUM. 45



**Onde os
GRANDES MESTRES
revivem...**

Animado por suas mãos de artista, o piano BRASIL reviverá os grandes mestres. É de mecanismo perfeito, de sonoridade impecável. Louvam-no os interpretes mais famosos. Encha seu lar de harmonias com esta obra prima que é o orgulho da nossa industria.

Pianos Brasil S. A.

Rua Stella, 63 — Tel. 7-5214 e 7-2274 — S. Paulo

AVISO

O presente numero não é
acompanhado de
SUPLEMENTO MUSICAL

A Direção

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Assinatura anual	20\$000
Idem, semestral	12\$000
N.º avulso c/ suplemento	3\$000
Suplemento avulso	3\$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, é expressamente proibido.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrasados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS: FONE 5-4630.

Redação: Rua Cons.º Crispiniano, 79, 8.º andar — S. PAULO.

Resenha Musical

Transcrito do "Diário de Notícias",
de Porto Alegre, edição de 19 de
Maio de 1942.

Enio de Freitas e CASTRO
do Instituto de Belas Artes
de Porto Alegre.

Acabamos de ser distinguidos com o oferecimento de alguns exemplares desta esplêndida revista musical brasileira. Editada em São Paulo, desde 1938, já atingiu o n.º 43, o que constitui verdadeiro recorde, no Brasil, em matéria de revistas musicais. Iniciativa particular, fundada, mantida e dirigida pelo professor Clovis de Oliveira, que é também o seu principal redator, aparece mensalmente. E constitui caso único no país. A "Revista Brasileira de Música", publicação oficial da Escola Nacional de Música, é trimestral e ainda assim de aparecimento muito irregular. Este fato demonstra bem as dificuldades existentes para a manutenção de uma revista de arte, e dá maior valor ainda ao meritório esforço do professor Clovis de Oliveira.

O número de março, o último que nos chegou às mãos, traz a seguinte matéria: — "R. M." nos Estados Unidos. — Visita do Presidente da Academia Brasileira de Letras, sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares à "R. M.", — a continuação dos importantes artigos do professor Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (catedrático de folclore da Escola Nacional de Música) subordinados ao título "Impressões Norte

Americanas), — "Artur Pereira", um compositor brasileiro, por Clovis de Oliveira. — "Música para unir as Américas", por J. Leon Duddick (presidente da Divisão do Centro Norte da "Music Educators National Conf."), — "Porquê estudar Folclore", por Dalmo Belfort de Mattos (da Faculdade de Direito e da Sociedade de Etnografia e Folclore) — e ainda secções sobre "Concertos", "Artes Musicais", (acrescida de um artigo de Georges Grappe sobre "A escultura francesa contemporânea") e "Várias", o necrológio do crítico Artur Macedo, e entre outros clichês reproduções de quadros do pintor suíço Jean-Pierre Chabloz. Acompanha igualmente a revista o XI Suplemento Musical (Interlúdio para um bailado) — (Jogos infantís, de Artur Pereira) em nítida impressão musical. Em outros números da revista figuram secções de rádio, curiosidades e edições musicais, bem como correspondência do Rio de Janeiro.

Vê-se, facilmente, que a "Resenha Musical" não se limita à música — é sim uma verdadeira revista de arte, e se coloca decididamente a serviço da música nacional e dos ideais de fraternidade interamericana. A matéria que publica é a mais va-

riada possível e excelentes colaboradores. De sua aceitação e divulgação dá-nos idéia a grande cópia de importantes anúncios que contém.

A apresentação tipográfica é boa. Entre os colaboradores, além dos já citados, encontramos dr. Paulo Guedes (Pôrto Alegre), Genésio Pereira Filho, Silveira Peixoto, prof. Samuel Archanjo dos Santos, Franco Cenni, André Sás (Perú), Padre Luiz Gonzaga Mariz, S. J., Valdemar de Almeida (Rio Grande do Norte), Amadeu Amaral Junior, Souza Lima, professora Ondina F. Bonora de Oliveira, Joffre David, Angelo Camin, dr. Eurico Nogueira França (Rio), Camargo Guarnieri, Barros — o Mulato, Rodolfo Barbacci (Perú), professor Artur Pereira, Carlos da Silveira, A. Melo Godoi e muitos outros.

Todos os musicistas brasileiros ansiavam por certo por uma revista sem vida efêmera. Parece que o professor Clovis de Oliveira "acertou a mão", como diz o vul-

go. E são quasi exatas as palavras do Embaixador Macedo Soares: "R. M." honra a cultura brasileira e dignifica os seus inteligentes e delicados dirigentes". Digo "quasi exatas" porque não só a "cultura brasileira" é honrada, também o espírito de iniciativa, a perseverança e fidelidade a um ideal, índices do poder da vontade do homem culto e de ação. E isso é altamente significativo quando há quem considere o brasileiro como fruto de raça inferior... Digo também "quasi exatas" porque não "dignifica" apenas "os seus inteligentes e dedicados dirigentes" mas dignifica igualmente os seus leitores e anunciantes. Uns e outros, tenho certeza, procuram conciliar seus próprios interesses com o supremo interesse de manter no Brasil uma revista artístico-musical a serviço de nossa cultura e de nossa nacionalidade.

DR. Angelo Gayotto

— Cirurgião Dentista —

Consultas das 9 às 11 e das 2 às 5 horas
R. João Bricola, 46 - 5.º - s. 534-535
Fone: 2-3314

Irene Mauricia de Sá

Professora de Piano

Rua 7 de Abril, 364 — apt. 2

Visitem a nossa secção de **TAPEÇARIA**

Cortinas — Tapetes — Moveis

Preços Economicos

AO PREÇO FIXO S/A

RUA DIREITA, 250-254
S. PAULO

RUA QUITANDA, 157
SANTOS

Moléstia dos Violinistas e dos Pianistas

Dr. Flausino do Vale

Do Conservatório Mineiro de
Música — Belo Horizonte —

Ordena a ética jornalística declaremos que uma parte desta crônica consta de uma sofrível tradução que fizemos de um estudo inserto na revista musical francesa "Le Menestrel", de 12 de Dezembro de 1940, de autoria de L. E. García, e a outra parte representa uma modesta enxertia de algumas observações nossas.

Trata-se de um assunto um tanto relevante e que sempre permaneceu em completo descaso entre nós. Em regra os professores de música, absorvidos unicamente com os encantos e segredos da *Ars Magna*, ignoram por completo os preceitos da mais rudimentar Pedagogia, Higiene, Psico-fisiologia, da medicina em geral, o mesmo acontecendo com a maior parte dos progenitores dos futuros virtuosos, preceitos estes que exercem decisiva influência sobre a saúde dos aprendizes. Daí a razão por que um extremoso pai ao entregar uma criaturinha a um professor para iniciá-la nas belezas da Divina arte, mal sabe que vai fazer de seu adorado rebento um doente, condenando-o talvez a uma prematura morte.

Não é pequeno o número de instrumentista que têm sido vítimas de moléstias originadas pelo exercício de sua arte, notadamente a peste branca; muitos conhece-

mos pessoalmente e de muitos mais nos dá notícia a História da Música. Podemos afirmar que a grande maioria destes contrafu o mal, devido à má posição com que executa seu instrumento, de arco ou teclado, aliada a um estudo mal dirigido.

O esforço muscular e o esforço intelectual produzem, cedo ou tarde, diferentes perturbações do organismo entre aqueles cuja profissão requer o sedentarismo, a imobilidade, embora relativa. Os pais e os professores são, o mais das vezes, os responsáveis diretos pelos males físicos de seus filhos e discípulos; além disso, as necessidades profissionais e a vaidade incitam-lhe a estafá-los; mesmo porque desconhecem os métodos modernos que visam obter um maximum de resultado de um minimum de esforço.

Como causas primordiais das diversas perturbações patológicas no organismo dos estudantes, podemos enumerar as quatro seguintes: a) má posição do corpo; b) o local do estudo mal arejado; c) claridade deficiente; d) excesso de trabalho e insuficiência de repouso.

Falta de ar e falta de luz! tais são as duas causas mais nefastas à manutenção da saúde entre os sedentários em geral. O povo, na sua ingenita sabedoria, sem-

pre disse: onde não entra o sol, entra o médico e, com razão, vemos que o sol é o melhor médico e, ao mesmo tempo, a melhor farmácia: cura todos os males e contém todos os remédios; por isso mesmo, tem sido adorado como Deus por muitas gerações.

Sobreleva ponderar que é sempre considerado sedentário um estudante de violino, piano, etc., pois que terá de dedicar uma grande parte de sua vida ao estudo e prática do instrumento, o que reclama uma diuturna permanência em seu gabinete.

Como é fácil de concluir-se, a atitude incorreta, vale dizer, a má posição, pode ocasionar perturbações nos pulmões — devido à respiração que se torna defeituosa, conduzindo, facilmente, à tuberculose na ossatura, — deformando a coluna vertebral, as espáduas, gerando a anemia, podendo provocar, igualmente, as moléstias do peito; no coração — dando em resultado taquicardias, palpitações, distúrbios na circulação; no abdomen — o qual se tornando caído, concorre para as doenças no estômago, fígado, rins, intestinos, etc..

É muito comum os violinistas já de certa idade apresentarem-se com varizes na perna esquerda, pelo fato de apoiar o corpo sobre a mesma, durante muitos anos como prescreve a regra clássica. Observamos, também, que, com o tempo tornam-se prognatas; é conhecida a expressão: queixo de rabequista. Da falta de arejamento no local de estudo provêm, em linha de regra, a tuberculose.

A claridade incompleta, predispõe às moléstias da vista. E o trabalho exaustivo, sem descanso adequado, conduz aos múltiplos e variados males nervosos: neurastenia, fadiga muscular, anemia cerebral, insônia, inapetência, sudação excessiva, emotividade exagerada, não sendo poucos os que atingem a demência.

Há outrossim, um gênero especial de caimbras, chamado: caimbras dos violinistas e dos pianistas, de fundo todo nervo-

so; a esse respeito, vale a pena lêr o respectivo capítulo do livro: "Como Se Deve Viver", do dr. Gebhardt.

Depreende-se, pois, que qualquer das quatro causas é terrível fonte de mui tristes males, sendo que a atitude do corpo é a mais perigosa; e esta, só um professor sobremaneira competente, é capaz de ensinar e corrigir.

Mais por ignorância que por inadvertência, os mestres, principalmente no interior não ligam a menor importância a esta face do ensino, e involuntariamente, lá vão assassinando paulatinamente seus infelizes alunos.

Com o fito de conjurar estes inconvenientes é que os conservatórios incluíram em seus programas as duas cadeiras: Pedagogia, e Ciências Físicas e Biológicas Aplicadas à Música. Mas quantos professores existem por aí que jamais se deram ao trabalho de compulsar um livro deste gênero?

Examinemos, entretanto, o reverso da medalha. O estudo do piano e, precipuamente, do violino, quando realizado dentro da severidade das regras clássicas, transforma-se em verdadeiro exercício de ginástica sueca e mesmo atlética, e seus executores tornam-se robustos, com os músculos intercostais, do peito, braços e mãos nutridos, fortes e desenvolvidos; um coração perfeito e educado, pulmões possantes e sãos. O peor é que tais vícios são adquiridos na infância, sendo que a tendência natural é mesmo para arquear as costas, o que comprime e achata a base dos pulmões, indo, conseqüentemente, refletir na respiração, estando pois, traçado o caminho da físcia; e uma vez contraída a má posição, é muito difícil corrigi-la; mais fácil é entregar-se um instrumento pela primeira vez a um menino, e, ministrando-lhe um ensino consciencioso, fazer dêle um perfeito artista, que, no mesmo tratto de tempo, tirar as arestas de um velho músico que teve a desventura de ser moldado por inhábéis mãos; estas arestas tor-

nam-se petreas, e não há escopo que as vença.

Não se deve nunca esquecer que por hora, na média, cada pessoa aspira mil vezes; qualquer modificação de caráter permanente neste número, força os pulmões e repercute infalivelmente na saúde; além do mais o indivíduo que se deixa dominar por este defeito, acaba por mantê-lo mesmo fora da presença de seu instrumento.

Uma particularidade muito interessante entre os virtuosos, é o fator de, quando executam, não lhes ser possível pronunciar uma palavra, sem pararem com a peça; estes, quando terminam, vão falar, e ficam visivelmente roucos, a princípio, o que acontece, igualmente, com muitos ouvintes; o motivo desta rouquidão passageira está em que tais pessoas de alma sensível, fino temperamento e organização delicada e aprimorada, em estes momentos de elevação espiritual, ficam como que em estado de transe, magnetizados, por bem dizer, em êxtase, e, por isso mesmo, há uma momentânea parada no fenômeno da salivação, o que dá em resultado, uma secura na garganta. Ora, esses fatos continuados podem ocasionar perturbações na laringe, e o artista que sabe disto, já numa pausa ou outra, aproveita e, para lubrificar a garganta, maneja a saliva. Em face destas considerações não será fácil explicar a insanidade mental de Schumann e de Smétana? a tuberculose da la-

ringe de Paganini que morreu aos 57 anos completamente áfomo?, a tuberculose pulmonar de Chopin, Mozart e tantos outros? a surdez e a misantropia de Beethoven? a perda da vista de Haendel e de Bach?

Mas se vários destes gênios não atingiram a idade de 40 anos, como: Mozart, Schubert, Weber, Chopin, Belini, Bizet, muito maior é o número de saxagenários, setuagenários e outros que penetraram no último quartel de um século de existência; entre eles: Bach (65 anos); Haendel (74); Haidn (77); Verdi (88); Saint-Saenz (mais de 80); Paderewski (81); Sinding (85).

A quem possa interessar um estudo bem feito sobre o assunto, tomamos a liberdade de indicar a bela obra: "Maladies Professionnelles et Hygiène du Musicien", do sr. J. Flesch. Este ilustrado médico vienense, é irmão do mais afamado professor de violino do mundo, Carlos Flesch, atualmente exilado nos EE. UU., pelo crime original de pertencer à raça que legou ao mundo Jesus Cristo e os maiores pináculos da humanidade. Este pequeno e substancioso livro, de menos de duzentas páginas, é essencial a todo músico e indispensável a todo médico.

Que estas nossas observações simples mas bem intencionadas abram os olhos dos pais e agucem a curiosidade dos professores, é o nosso desejo, certos de que muito mal poderá ser evitado e muito bem poderá advir.

SEU RADIO TEM DEFEITO ?

Concertos garantidos a preços
módicos peça orçamento à

Radio Técnica Schultz

Rua Major Sertório N.º 209

Telefone: 4-4568

S. PAULO

Auro Soares de Moura Andrade

ADVOGADO

Largo da Misericórdia, 23, 10.º andar,
salas 1004/6 — Fone 2-5730 (Edifício
"Ouro por São Paulo") — S. PAULO



Botica ao Veado de Ouro

VEAFER

fortificante

Fundada em 1858

do

A MAIOR E MAIS ANTIGA
FARMACIA DE S. PAULO

sangue

e

dos

RUA SÃO BENTO, 219

nervos



USAI

NAS VOSSAS
VIOLAS, VIOLÕES,

CAVAQUINHOS,

BANDOLINS,

E GUITARRAS

AS AFAMADAS
CORDAS VERDEGAES

**"Sem
Rival"**



URIO BECCATO & IRMÃO

Rua do Gazômetro, 66 - Fone: 2-9977
SÃO PAULO



TIPOGRAFIA

Impressos em geral — Encaderna-
ção, Douração, Carimbos de Borra-
cha, Alto Relevo

PAPELARIA

Completo sortimento de artigos para
escritórios, desenho e escolares. —
Importação direta

J. PECORA & CIA.

RUA JOSÉ BONIFACIO, 325

Telefone, 2-5399 — S. PAULO

"Resenha Musical"

Assinatura anual 20\$000

Semestral 12\$000

Rua Conselheiro Crispiniano, 79-8.º

— SÃO PAULO —

No Instante Nupcial...

Genésio PEREIRA Filho

Para "Resenha Musical"

(Ó jovens: tomai o plectro e tangei vossa cítara:
A Amada chegou!)

No instante nupcial haverá Alegria
E todos entoarão salmos à nossa união.
As aves voarão alto e hão de ter desmaios
E as estrêlas mortas ressurgirão...

(na distância, o epitalâmio de uma lira...)

Para que eu propicie teu corpo núbil,
Virás entre flôres e incensos,
Com um sorriso de noiva em teus lábios.

(No momento do consórcio haverá melodias
pelos caminhos
E harmonias de harpas, alaúdes e saltérios...)

Virás feliz para o nosso matrimônio,
E hei-de receber-te entre filas de aulos
Que sublimarão o nosso Grande Instante!

Os anjos, com trombetas e trompas anunciarão
(E haverá timbales e tímpanos e túbias)
A todos e aos espaços sem fim,
Que para os Esposos haverá Conjugação!

(Ó aleutas: tocai com fervôr e sem cessar:
A Amada ãregou!)
A Amada chegou!)

Carnaval Pernambucano

Frêvo

Mário SETTE

— Minha gente, é o Vassoura. É o vassoura mesmo! Vamos cair nas dobradiças.

Casa se esvasiam. Saem todos à vontade. Homens limpando as bocas na manga do paletó, interrompendo o jantar; uma creoulinha dando beliscões de frade numa meninota para espertá-la no andar; uma mulher gorda com o filho pequeno no braço, guardando ainda o peito que o amamentava; raparigas de vida alegre, de caras muito pintadas, flôr nos cabelos, gingados de ancas; cozinheiras esfregando as mãos engorduradas nas salas de chita; rapazes em mangas de camisa; senhorinhas em alvoroço endireitando as ligas, num displicente devassar das coxas; meninos em algazarra, rodando récos-récos; mulheres tirando chinelas para mais desembaraço dos movimentos; balofas negras sacudindo os flácidos seios; amas escanchando nos quartos os filhos alheios, metendo-lhes nas bocas chupetas duvidosas, matronas já avós; sexagenários resmungando contra a pressa dos moços; boleiras carregando os taboleiros, geladeiras abandonando as barracas, quitandas trancando as portas, lavadeiras de trouxas nas cabeças, cães domésticos e vadios ajuntando ao tumulto humano seu ladrado espantado ou festivo...

Quem não soubesse do ensaio do Vassourinhas, imaginaria um pânico, um êxodo, uma nova revolução.

E era apenas o frêvo.

O frêvo! Um imperativo de loucura, um con-

tágio de desatinos, uma coceira de alegria. Ninguém mais se continha, ninguém mais se governava. Tôdas as imediações do bairro atravessado pelo buliçoso cordão carnavalesco vibravam ao zumbido fortíssimo do contentamento. Nas ruas mais afastadas o povo parava, ouvia os acordes ásperos da orquestra, orientava-se, e disparava de novo, entreavistando-se:

— Vem pelo pátio do Terço, minha gente!

— Vamos esperar êle na esquina da Igreja.

— Eu vou atalhar no Livramento.

— Já está perto. Aviem-se, meninas!

— Vassoura é uma coisinha doida, meu pai do céu!

— Não tem quem dê nêle.

Num momento, a rua Direita, vêsga e acanhada, enchera-se de ponta a ponta. Uma revista de caras humanas pelas estreitas calçadas, sobrando ainda pelas janelas, varandas e telhados. E tóca ainda a esguichar gente das travessas e becos; o do Serigado golfava curiosos e foliões como uma máquina de fabricar pipocas. A coisa já fervia para os lados do Terço, de onde vinha o Vassourinhas, com o pêso do entusiasmo de admiradores e adesistas. Avisava-se por cima daquele movediço dorso cinzento escuro, que era a soma da multidão sara-coteante, o estandarte bordado a ouro, com uma vassoura de penas no teso da haste. Zumzum promíscuo de frases soltas, de malícias, de contáctos, de pruridos, de direitos, de rizinhos, de perguntas, de desejos, de machucadelas, de

afagos clandestinos... E um cheiro provocante de éter perfumado, evocando nudezes e lascívia carnavalescas, promissória sensual a vencer-se nos três dias próximos.

Cada rosto projetava dois faróis de impaciência, de antegozo, de irrequietabilidade. Sons de rufos mais próximos, mais perto ainda, crescendo em timbre como a ritmar a ansiedade do povo que se remexia, que se punha em bicos de pés, que cantarolava, que batia compasso com as cabeças, que vibrava de volúpia e sofreguidão.

A orquestra do clube explodia metalicamente a introdução de outra marcha pernambucana, frevesca da gêmea — nervosa, impulsiva, cálida, sincopada, arrastadora... A um só tempo cotucadora e arisca, lúbrica e esquivada, abandonante e fugidia, brincalhona e astuciosa, imagem musical de mulher mascarada e semi-nua que se promete e se furta, acaricia e maltrata, sussurra e grita, avizinha-se e foge, oferece-se e se esconde, estende a boca e dá muxos, faz gaiatices e silencia, abraça e repele, beija e morde, findando vencida e vencedora numa posse integral de folia...

Música de arrancos e estacadas, de tremores e tetanizações, de nervosismos e indolências, de sacudidelas e agrados, de rodopios e curvaturas, de calmas e temporais, de amaciamentos e beliscões, de frenesis e languidez, de veludos de dominós e atritos de papel picado...

O frêvo!

Aquela massa de corpos e de almas vinha numa obediência absoluta e gostosa à cadência volutuosa, ardente e volúvel da marcha. A cada vez que a orquestra repetia num enfardado de acordes a introdução todo o povo redemoínha, refervia nas atitudes mais caprichosas, mas cómicas, mais delirantes. Dir-se-ia que tentavam misturar, confundir, trocar os membros, os troncos, as cabeças, para depois ir procurá-los de novo. E no seguimento da música lá se iam todos na impetuosidade da "onda", no esbandalhamento do "passo", de pernas abertas em tesouras, de cócoras em sacarolhas, de bustos empinados para frente em rigidez, de nádegas oferecidas ao alto, de mãos trançadas nas nuças, de narizes a farejar os

cangotes femininos, de braços dados, de caras rentes, de bocas grudadas...

Moviam-se todos num incessante ondeio, num provocador remexido de quadris, de bustos, de ancas, de seios...

De súbito, uma rápida e brusca estacada da música. A multidão empaca, endurece, espera. Cada um guardando a posição em que foi colhido. Numa esplêndida mostra de modelos. Dentes de fora, risos escancarados, testas suadas, lábios abertos, olhos esbugalhados...

Segundos apenas. Vence-se a síncope dos instrumentos. A orquestra recomeça num renovado empurrão da marcha. E de novo todos se movimentam, se esfregam, se torcem, se enlaçam, se verticalizam, se cheiram, se beijam, se apalpam, se agacham, como se a música lhes penetrasse veias a dentro para ir fazer-lhes cócegas no sangue.

E seguem rua afóra, dansando e cantando, na confusão carnavalesca dos coloridos dos trajos, dos azougues dos olhares, das quenturas dos contactos, dos hábitos de lascívia, dos cheiros de suores, das escalas das risadas, das tonalidades das peles, dos contrastes das posições, das harmonias das canções.

Abria o préstito um estandarte nas mãos de uma mulherzinha bem morena, vestida de príncipe, num sorriso constante para todos, virando o rosto pintado para um lado e outro, mostrando os dentes alinhados e alvos, bonita, com os quadris e o busto em ressaltado pelo colante do setim, num dengoso rebolar; logo após quatro molecotes de camisas de meia riscadas trazendo arcotes a destacarem as caras suadas, lustrosas, dos sopradores de trombones, de pistões, de saxofones, num esbogarhamento de olhos e numa inflação de bochechas. Seguiam clarinetos, flautas, récos-récos, rufos... E a massaróca do povo, num remexido incessante, numa "onda" perene, num bulício crescente, pernas que se arqueiam e se verticalizam, pés que se juntam e se distanciam, braços que se angulam e se amoldam, bocas que se escancaram e se trancam, torsos que se espigam e se flexionam, seios pontudos que se projetam em promessas e se retraem em ne-

gaças, dentes que se mostram, mãos que espalham, cabeças que bamboeiam, como se todos estivessem atingidos de cócegas.

Um povão! Um povão! Gente de não acabar mais! Gente de todas as classes. Homens e mulheres numa conjunção das mais bizarras, das mais pitorescas, das mais democráticas. Esplêndido programa de partido da oposição. A cara bigoduda e gorda junto do rostinho esguio e brejeiro; a face madurona vizinha da bochecha imberbe; a manga de brim purolinho trançada pela da blusa de voile barato; a casemira inglesa e clara manchada pela mão cor de café com leite; a tez ariana, toda preconceitos, colada ao pigmento africano todo afoitezas; o braço moreno e túmido amparado na farda kaki e arrogante; o georgette preço do pecado perfumando o fraque da burocracia respeitável; a adolescência sexo calças-largas atritando-se na puberdade cabelos à ventania; a seriedade do professor cara de quaresma irrigada pelo assanhamento da cabrocha; a velhice de cabeça pintada esquentando-se na mocidade de vestidos transparentes; o carola de atitudes angélicas desafiando os diabos de pixaim; o doutor cortejando a cliente gratuita; o namorado cutucando a pequena fácil; o caixeiro fazendo festas à freguesa caloteira; o industrial fraternizando com a operária; o senhor do engenho virando mel para a moradora; o diretor alizando os dedos da datilógrafa; o proprietário ranzinza com a inquilina astuciosa; o homem das prestações justando contas com a muleta em atraso; o patrão de uma casa com a copeira de outra...

Todos no nivelamento do "passo", no ritmo grotesco do "chan de barriguinha", no entortamento sensual das "dobradiças". Todos, sim. Uns às claras, outros em disfarces.

O frêvo!

Frênese de fomes, prurido de vontades, gastura de prazeres, indefenido de sensações. Sarna que coça e dá ímpetos de coçar mais. Doença que pega e quer-se pegar de novo. Gosto que toma o corpo inteiro — os olhos que sugam outros olhos, as mãos que machucam outras moãs, os pés que pisam outros pés, os braços

que enroscam outros braços, os lábios que roçam outros lábios...

Frêvo!

Receita pernambucana de folia: Doçura de assucar e ardência de malagueta, picos de abacaxis e suavidade de algodão, moreno de sapoti e balouço de jangada, sussuros de canaviais e estouros de buscapés, quentura de dendês e cheiro de manga-rosa, tremores de cangica e lambuzados de filhoses, atritos de facas de ponta e farofa de mel de engenho...

— O diabo inventou mas é do céu!

— Oh! onda do outro mundo!

— Uvinha preta, deixa eu te morder!

— Menina, estou me acabando...

— Suco de maracujá!

— Frêvo danado de bom!

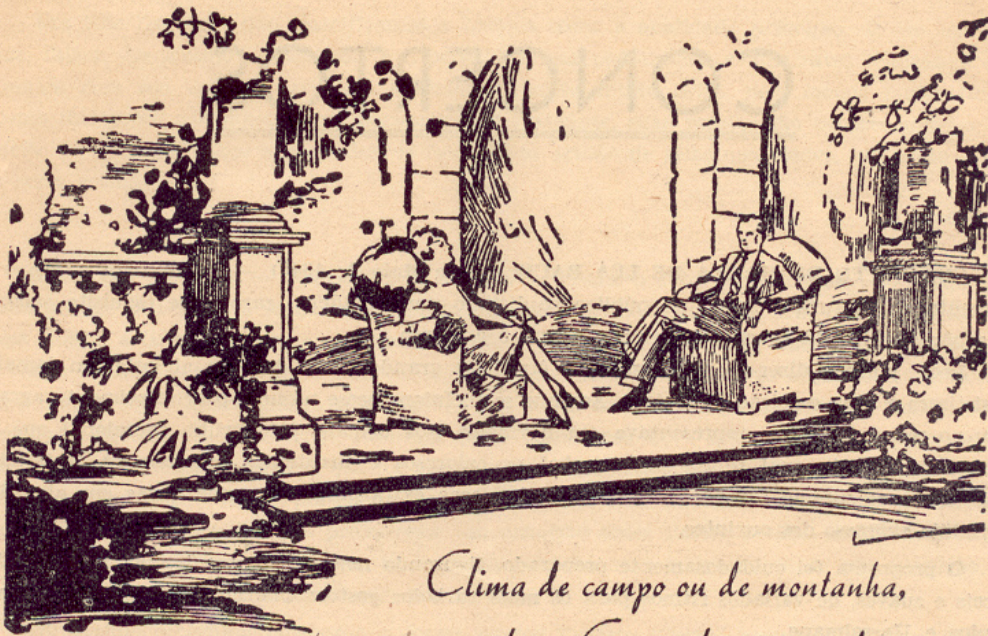
E as vozes acompanham o histerismo da marcha:

Ai! Vamo vê si eu vou no frêvo com você! Figena, meu amô!...

E lá se vai toda aquela multidão num comichar de gôzo, numa endemoninhada folia, numa só voz, numa só alegria, numa só alma, numa só doídice, comprimindo-se ainda mais no engasgo da rua.

O Vassourinhas, saindo da gostosura da rua Direita, espraçou-se na do Livramento, num alargamento rápido, num domínio fulminante, como uma mancha de óleo, a distender-se, a invadir, a rebrilhar. Uma conquista de segundos. A orquestra que parara por alguns momentos, para descanso, substituída pelos rufos, rompeu outra marcha cheia de quentura e de flexuosidade. Parecia que a música roçava ora uma pluma ora uma escova no espinhaço daquela gente toda. Andava pelos ares um cheiro mescla de suor, de lança-perfumes, de louções, de banhas, de carne, de pecado...

O frêvo tomava foliões, por onde passava, como um rio coleta água dos afluentes. De becos e ruas, calças e saias se intrometiam no préstito, contagiando-se pelo remexido. E a marcha a arrastar, a arrastar...



Inserções N.ºs 8, 11 e 14, nas 26, 46 e 51 Cols.

*Clima de campo ou de montanha,
em plena Capital e com todo o
conforto das grandes cidades, só no*

*Jardim — América
ou no
Pacaembú*

*— as duas maravilhas de urbanismo
da metrópole paulista.*

COMPANHIA CITY

A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul estabelecida em São Paulo desde 1912

89. RUA LIBERO BADARÓ

CONCERTOS

CONCËRTO DE HARPA DE LÉA BACH (19 de Maio de 1942) — Desta feita o Departamento de Cultura ofereceu ao público paulistano um espetáculo raro e de esquisito sabôr: o sabôr clássico do clássico instrumento que é a harpa.

Pode, porisso, dizer-se, sem temor de êrro, que grande parte dos que ali estavam jamais assistiram a uma exibição desse jaêz. Aos que se incluíam nesse número o acontecimento agradou ao menos pelo que representava em novidade. Aos demais, pelo brilho excecional que o caracterizou e do qual foram prova cabal os calorosos e insistentes aplausos. A festejada artista viu-se mesmo forçada a executar três peças extra-programa, uma delas em atenção a pedido expresso dos ouvintes.

O programa foi cuidadosamente preparado, figurando nele, ao mesmo tempo, músicas difíceis e suaves, de variados ritmos para os mais variados gostos: Cherubini e Grandjny, Granados e Hasselmans...

Dividiu-se em três partes o programa que quanto à execução, nada deixou a desejar. Léa Bach domina soberanamente o indócil instrumento: diante de sua técnica impecável, segura, todos os obstáculos se esvaem, e, a impressão recebida é de que tocar harpa é simplíssimo... É como mastigar goma em horas de lazer...

Artur Mello Godoy

ERIC LAUDERER — Não rareiam atualmente, os pianistas ou digamos melhor, os solistas cuja primeira qualidade em que firmam o seu sucesso, a sua carreira, é o desenvolvimento técnico, na maior parte, muito apurado. A técnica é, não resta dúvida, o elemento que capacita o solista para executar as obras mais difíceis permitindo-lhes interpretar mais à vontade, sem preocupações de dificuldades. Esta é a modalidade indiscutível, não obstante quasi todos os solistas que se têm apresentado de um tempo para cá em a nossa Capital, primarem pela técnica em desprêso à interpretação. Disso dá-nos uma prova esse distinto pianista Eri Lauderer que a Sociedade de Cultura Artística apresentou a 25 do corrente, em seu 494.º saraú. Embora esse pianista não seja o exemplo ideal do caso, porque não poucas vezes, como na Fantasia de Schumann, Lauderer é de um lirismo excelente, e, também, porque habitualmente usando suas ótimas qualidades de pianista, acompanhando bailados do "Original Ballet Russe", automatiza-se prejudicialmente.

O comentário, à guisa de observação e advertência, é necessário para os nossos pianistas ou solistas em geral, que se subdividem entre os múltiplos misteres profissionais da carreira musical. Muitos são solistas, professores, regentes, compositores, musicólogos, historiôgrafos, em suma, resumen em si o trabalho que caberia de fato a uma dezena de pessoas cada uma delas conhecedora absoluta do seu trabalho. Sim porque a dedicação a um determinado ramo da grande árvore profissional, permite a um estudioso o seu completo amadurecimento, caso contrário é um chocar-se inútilmente com os precalços, ou charlatanamente passando sobre

todos os obstáculos fingindo não notá-los pensando que o público é uma massa de paladar pouco exigente que não sabe discernir o bom do mau.

Ingenuo engano! O público mesmo entrosado pela "claqué" tem opinião, muito volúvel é certo, mas acertada.

Em Eric Lauderer não classificamos a técnica como a qualidade principal. O seu segredo que, talvez, ele mesmo desconheça, é o pedal e a sua pedalização é admirável realizando em comum com seu espírito artísticas sonoridades senão muito belas, pelo menos muito finas. Como intérprete não possui uma personalidade marcante, suas versões são despreocupadas do efeito de conjunto o que o prejudica de fato. É um artista de reais qualidades, um tanto preso à certa rotina.

C. de O.

LAVINIA VIOTTI — ERNESTO KIERSKI — Para o meio artístico de São Paulo foi uma grande satisfação o reaparecimento da pianista Lavinia Viotti. Há bem uns dez anos que essa ilustre artista não surgia publicamente para efetuar um concerto. Mas felizmente voltou e voltou brilhantemente. Voltou com vantagem porque além de seus dotes artísticos trouxe consigo uma técnica apuradíssima a serviço de um senso interpretativo esplêndido. Dentre suas execuções notemos as de Chopin, Rameau, Bach, Alexandre Lev', este representado pelo sempre admirado Tango Brasileiro, que foi bisado. Dado o sucesso dessa apresentação muito lucraría o nosso meio artístico se, por exemplo, — para apenas citar uma das entidades, — O Departamento Municipal de Cultura promovesse um concerto dessa ilustre artista. Realmente Lavinia Viotti é uma artista digna desse título, porque traduz com a delicadeza de sua execução, o temperamento vibrátil e musical que possui.

No mesmo programa colaborou o jovem cantor Ernesto Kierski possuidor de uma bonita voz que destaca-se pelo seu belo volume. Intérprete criterioso Kierski não foge aos limites do âmbito criado pelo compositor. Temperamento bastante musical, e voz bastante maleável.

Eis o que nos ocorre comentar.

C. de O.

HENRYK SZERYNG

Realmente ouvimos a 29 de Maio, um admirável artista graças a não menos admirável Sociedade de Cultura Artística. Trata-se do jovem violinista Henryk Szeryng, natural da Polónia de Chopin, de Paderewsky, de Symanowski.

Ao travarmos conhecimento com a arte desse artista já tão ilustre, veio à nossa recordação aquele jovem violinista belga Maurício Raskin, que, por iniciativa do patricio Villalobos, nos visitou nos áureos tempos da Sociedade Sinfônica de São Paulo, a cuja frente encontrava-se Olívia Guedes Penteado, bemfeitora de realizações artísticas. Bem, a arte de ambos artistas assemelha-se pela mocidade de ambos daí a nossa lembrança com a mocidade de Raskin.

Szeryng é dos jovens artistas que temos ouvido, o mais profundamente artista; se já lhe sorri a glória para a sua carreira ainda tão nova, prevemos-lhe uma glória futura que o imortalizará como um dos grandes violinistas e intérpretes.

C. de O.

CONCERTO SINFÔNICO DO DEPARTAMENTO DE CULTURA — Efetivamente: o público que ocorreu ao Municipal na noite de 27 de Maio sofreu, sensibilizado, os efeitos mágicos da arte de Rimsky-Korsakow em sua imortal Scheherazade. E, se transportou, como por

encanto, a um mundo fabuloso, povoado de exóticas lendas com seus palácios suntuosos, seus jardim soberbos, seus príncipes e profetas...

O motivo de Scheherazade brota sempre, em todos os trechos, extraordinariamente melódico e simples. E faz evocar com fidelidade toda a poesia de que se acham impregnadas as páginas imarcescíveis das "Mil e uma Noites". A orquestra, neste particular, prestou uma contribuição inestimável, o que, aliás, sóe acontecer quando regida por Armando Belardi.

O *Concerto em mi menor*, para violino e orquestra, de Mendelssohn, teve como solista o conhecido artista E. Trepiccioni, o qual arrostou corajosamente as dificuldades inúmeras dessa grandiosa composição.

Esteve sublime nas duas primeiras partes, onde sua personalidade ganhou relevos inéditos. Na última, porém, pecou em clareza e espontaneidade, consequência talvez de um nervosismo inexplicável.

Merece também especial destaque a peça do maestro patricio J. Sepe, "A maneira antiga" — mui sutil e agradável.

Encerrou o espetáculo o "Bolero", de Ravel, magnificamente interpretada.

Artur Melo Godói

Edições Musicais

Clovis de OLIVEIRA

OUVE O CANTO DA NOITE
Música — Enio de Freitas e Castro

Letra — Paulo Corrêa Lopes
Edição — Associação Rio-Grandense de Música — PORTO ALEGRE

Esta é a publicação n.º 1 da Associação Rio-Grandense de Música, de Porto Alegre, e n.º 1 na qualidade. Melhor não acertaria, a Direção dessa nobilitante sociedade, a escolha da obra que deveria inaugurar a série de suas publicações musicais.

"Ouve o canto da noite", para piano e canto, é uma peça de encantadora simplicidade. Mas por simplicidade neste caso, não entendamos facilidade, ao contrário, até, trata-se de uma obra difícil para o canto e para o acompanhador. Mas convenhamos que mesmo essa dificuldade não é extrema, é transponível. A sua grande dificuldade que até muitas e muitas vezes os próprios executantes não desco-

brem, essa reside na sua interpretação, porque, sendo uma peça relativamente curta, o cantor atua pouquíssimo. Essa razão o obriga a lançar mão de todas as suas qualidades vocais e interpretativas para conseguir o efeito que ela exige. É mais uma página brasileira muito bonita para os programas de concerto.

HINO DO GINÁSIO DO ESTADO, DE ARARAS

Música — Francisco Paulo Russo
Letra — Salvador J. de Moraes
Edição — Prop. Reservada

Não é um hino escolar simplesmente, trata-se, sim de um hino patriótico, onde é exaltado o amor ao Brasil. Versos como estes, "De peitos robustos erguidos — Demos a vida, si em luta, aguerridas, — Pelo torrão, — Que é nosso lar, — Com energia, com devoção", — empolgam as nossa veias patrióticas. Está de parabens o Ginásio do Estado de Araras, neste Estado, pelo belo hino que possui.



GLUCOSE GERA ENERGIA!

ASSIMILE "GLUCOSE" DIARIAMENTE NA FORMA
DE BALAS — BONBONS — CARAMELOS — ETC.

O EMBLEMA É SUA GARANTIA DE
QUE O PRODUTO CONTEM GLUCOSE



NOVIDADE!
Quertzodont
CREME DENTAL
LIQUIDO

NAS FARMÁCIAS, DROGARIAS,
PERFUMARIAS, ARMARINHOS
E NAS FARMÁCIAS CATEDRAL:
PRACA DA SÉ, 152 E LARGO 7 DE SETEMBRO, 30

SEGUROS DE VIDA

na

A "São Paulo", Cia. Nacional de Seguros de Vida

Sede: Rua 15 de Novembro, 330, 4.º andar

SÃO PAULO

COLUMBANO

o Pintor dos Intelectuais

Albino Forjaz SAMPAIO

Eu não conheci Columbano no seu "atelier" do Pátio do Martel, "um recanto de aldeia, perdido na cidade — como uma árvore verde na desolação duma pedreira", de que na sua prosa tragediada, funesta e misteriosa nos fala Raul Brandão.

A primeira vez que o visitei foi nesse casarão enorme, caiado a oca, com corredores onde o som dos passos vai gritar pelas abobadas, convento ontem quasi convento ainda hoje, xadrezado de celas de franciscanos noutro tempo, hoje repartido em "ateliers", que também são celas, visto que todo o artista é professo desse culto sagrado, divino, extremo, a que Ruskin chamou "a religião da Beleza".

Subindo do largo da Biblioteca e entrando nesse edifício que é o convento de S. Francisco, instalado em Biblioteca Pública e Academia de Belas Artes, passado o guarda vento da entrada da Academia, à direita uma escada nos força a quebrar em angulo reto a nossa rotina. Descendo a escadaria, logo no primeiro patamar nos aparece um lutador em gesso, combatendo, maior do que o natural, que reteza os músculos e se prepara para o embate. Descido outro lance desta escada, toda de pedra, rodapisada de alacres azulejos, uma Venus de Milo se nos depara. Continuando a nossa viagem, ao fundo, se avista a portada do "atelier" de Simões d'Almeida à porta

do qual conciliabulam ou guardam honra vários mitológicos também em gesso. Essa portada de vidraça fosca cendrando a luz, se prolonga pelo corredor por onde enveredamos, via claustral e soalhada a madeira gritante, tendo do outro lado uma comprida a escura galeria envidraçada onde se guardam "maquetes" de estátuas, máscaras, bustos, etc. Colada a face ao vidro e fitando para dentro um olhar investigador, um "pandemonium" de figuras aparece. É o grupo dos "lutadores" de Farnesio, é o "Moisés" de Miguel Angelo, é o "Laóonte", é uma loucura de gesso, uma população de figuras sobre a qual tivesse passado um vento de insanía que lhe houvesse baralhado, confundido e aluçado as proporções.

Ao fundo, saído o corredor e entrando numa encruzilhada a que se segue um túnel ao meio do qual o torso mutilado de Belvedere mostra as suas ciclópicas proporções, espreita-se um bocado de quintal, um recanto verde e achaletsado onde Ramalho tem o seu tugurio. Mas deixa-se tudo isso para traz e começa a ascensão de uma estreita escada de madeira. Ao tôpo uma janela gradeada deitando sobre um telhado limoso e negro.

O "atelier" de Columbano é aqui, última porta à esquerda. Foi aqui que eu o conheci. Já anos passaram desde a primei-

ra vez que o visitei e nada, de então para cá, no seu "atelier" mudou. Tem um deslumbramento quem ali entra vindo da negridão confusa da luz pastosa e bafienta dos velhos corredores. O "atelier" é uma enorme sala retangular, fechada em toda a volta como uma arca antiga. A luz, uma luz tamisada e discreta, recebe-a do alto caindo suavemente e tudo iluminando por igual. A uma das paredes do fundo, da esquerda de quem entra dois belos tremós Luiz XVI se encostam. Espelhos, molduras a ouro e pérola, bustos aristocráticos, figuretas adoráveis. Um biombo à direita, e um pouco a menos do centro da casa duas colunas sustêm um tapete de Arraiolos em um desenho simples, quasi barbaro, e fazem por assim dizer como que uma divisão do "atelier". Por detraz disto se encontra uma estante com livros, parte da biblioteca do artista, gessos diversos, uma multidão de coisas que só ali achou disposição conveniente. Se levarmos mais longe a nossa curiosidade buscando as leituras do pintor pelo relancear das lombadas se verão apurados na estante livros de Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Fernando Leal, e outros escritores portugueses, a par de estudos sobre pintura, do D. Quixote, e da mais clássica literatura francesa.

Ao longo das paredes imobiliza-se a sua preciosa galeria de retratos. O retrato de José de Figueiredo, ainda incompleto sobressai ao lado do de Vicente Arnoso. O de Mariano Pina, o artista tão prematuramente morto em París, aparece sobre aqueles, enquanto aos lados se enfileira uma preciosa série de pequenas telas entre as quais se avistam os retratos de João Barreira, de Raul Brandão e uma deliciosa, uma adorável e original cabeça de mulher.

Num sofá montam-se revistas de arte, em frente num degrau agacham-se pincéis. Num cavalete fronteiro o ator Vale, numa tela flagrante, mostra a sua cara irônica e contumaz. Lá mais para o fundo, um Cristo crucificado estorce-se na sua cruz

e ao longo da outra parede correm os "panneaux" que o artista destina à Escola Médica. Eis aqui sumariado o "atelier" de Columbano, o "meio" onde ele consome o maior tempo da sua vida. O conjunto é artístico em extremo e uma nota original, pessoalíssima, aparece sempre se minuciosamente buscarmos cada detalhe.

* * *

Columbano Bordallo Pinheiro, o grande mestre da pintura portuguesa, é uma figura interessantíssima e muito original. Baixo, nervoso, barba negra, pálido, quasi sempre de luneta, um aspecto de tímido, de encolhido, quasi se diria ao vê-lo que é seu ideal passar despercebido, que o não notem, que o não apontem. Columbano tem o horror da multidão. Aos ruídos da cidade, às grandes quermesses, ele prefere o recanto silencioso do seu "atelier", onde o ruído da turba não chega. Na intimidade é uma criatura adorável, cheia de vontade e de afeições, sentindo por isso mais intensamente a agressividade dos outros. Um belo conversador, um espírito de "élite", formado de um profundo amor pela sua arte. Tal é o homem.

O artista é por demais conhecido. Columbano é o mais original e o mais estranhamente artista dos nossos pintores. A sua pintura divorcia-se inteiramente dados seus contemporâneos. Debalde a pretendem filiar ora nesta ou naquela escola, debalde tentam descobrir quem deu ao artista o segredo dos tons, a interpretação da luz e a originalidade do colorido tão particularmente seu. Tem-se invocado Ribera, traços de Goya, tonalidades de Rembrandt. Mas tudo isto cai por terra. A obra de Columbano não se filia em escolas. É produto de um temperamento. É muito sua, muito pessoal! A sua fatura, o seu desenho — e ele desenha admiravelmente — a sua côr e a sua composição, a "sua maneira" enfim, impoz-se definitivamente. Columbano foi o mais guerreado dos nossos

pintores. Para vencer, para conseguir chegar, que luta exaustiva ele não teve que sustentar contra a banalidade, a inveja e a solécia dos outros? Caído num "meio" onde todas as manifestações de arte passam indiferentes e que tem pelos seus homens de gênio um grande desdém, Columbano, sombrio e cheio de talento, expôs as primeiras telas. Já então a sua côr era uma coisa original e marcava algo de novo e de maior sobre a multidão dos concorrentes. Foi um ruído extraordinário. Foi odiado, porque a ninguém se perdoa o ter talento. A crítica escolheu dos seus arsenais as setas mais hervadas e pediu ao ódio, à calúnia e à inveja o que lhe faltava. Pois não conseguiram vencer. Este homem refugiou-se, com o seu perpétuo ar de misantropo, a sua tristeza vaga de sonhador, no recanto do seu "atelier". Deitou-se ao trabalho com a persistência dos fortes, a persistência fria dos homens de gênio, a testarudez dos que trazem dentro da cabeça alguma coisa que dizer e ninguém as quer escutar. A esta persistência deve ele o seu nome.

Zola conheceu isto, porque um dia em que d'Amicis lhe perguntava o segredo do seu triunfo, apesar de toda guerra que lhe moviam, o autor do "Germinal" candidato eterno e persistente à Academia respondeu: "Deixo cair os meus livros um a um no meio da rua. Um dia a multidão há-de parar." E parou. Exatamente como sucedeu com os quadros de Columbano.

O "atelier" onde o pintor começou era no pátio do Martel, um "atelier" que já hoje a lenda envolve. Por ali, "por aquele quintalório cheio de sol, por sob a figueira de sombra espessa, passaram, entrando no "atelier" de Columbano os homens mais ilustres da nossa terra." "Uma trepadeira cobria inteiramente a casinha térrea; num recanto ao pé do muro, um pé de balsamina, coberto de flores, entonteia e medrava." Foi nesse refúgio que Columbano construiu a sua obra e o seu sonho. Antero Eça, Silva Pinto, Guerra Junqueiro,

D. João da Camara, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Batalha Reis, Fialho de Almeida, por ali passaram e ali foram retratados. Foi ali que ele velou as armas. E é também dali que ele conserva as suas melhores recordações.

Falo-lhe do nirvanico Antero, do Antero da minha admiração. Perguntei-lhe se ele um dia, como eu lera em qualquer parte, lhe batera à porta com umas grandes botifarras de caminheiro, meias dúzias de cavador e uma bengala que mais parecia um cajado, meio de filósofo e meio de pobre, e lhe falara: — "Sou o Antero. Disseram-me que tinha vontade de fazer o meu retrato..."

— "Não senhor! Eu é que lhe pedira para vir. O resto é tudo fantasia. Estou a vê-lo com os seus olhos azues e as suas barbas loiras. Vestia bem, sem afetação e sobriamente. Veio a meu pedido e depois continuou a vir. Passava tardes inteiras no "atelier", sentado numa cadeira, mãos cruzadas, escutando interessado ou absorto em pensamentos. Deslumbrava pela sua simplicidade e pela sua erudição. Uma ocasião falou-se de rendas. E Antero começou apreciando com uma tal abundância de notas, de esclarecimentos e uma tal profundidade que mais se diria uma conferência para que ele já de há longo tempo se viesse preparando..."

— "Francisco Teixeira que ao tempo andava na Escola Politécnica e que era frequentador assíduo do "atelier" era também conversador assíduo com Antero. Tudo o que se escreveu é como vê, pura invenção..." E continuando sobre o poeta. "Era calmo, delicado, afável. Nenhuma tragédia tranparecia na sua máscara alegre quasi. Por isso foi para mim um acontecimento inesperado a notícia do seu suicídio. E bastante tempo em meu cérebro labutou esse desgosto..."

Eça de Queiroz foi também um dos grandes visitantes — "Lembro-me de um jantar que, quando foi da publicação de um dos seus livros, se lhe ofereceu no Montijo".

"Uma ocasião vindo a pousar sentara-se nesse sofá". E aponta-me o sofá em que me sento, forrado a veludo cor de azeitona e que desaparece quasi sob uma montanha de reproduções de quadros e obras célebres. "Olhou e viu em qualquer parte um exemplar da "Relíquia", já ha anos publicada. Levantou-se, buscou o exemplar e começou a ler, como se lhe fôsse desconhecido o livro. Riu-se muito da leitura, achou muita graça a tudo aquilo e quando o arrumou resumiu: "Ora aquí está uma coisa que eu não tenho".

Junqueiro, nervoso, alegre, foi quem peor posou. Não sossegava e perguntava continuamente:

— Está pronto? Está pronto?

Outro caso interessante foi sucedido com o grande ator António Pedro.

Columbano começara a pintar o retrato do artista. Um dia, ao terminar uma das sessões, entra no "atelier um outro ator, colega do retratado. Estiveram, saíram, terminada a pose, e António Pedro nunca mais voltou. Diz-se que o colega referindo-se ao retrato dissera a António Pedro: — "Estás muito feio..." Mas seria essa a razão? Quem n'ó sabe? O certo é que o retrato ali ficou no "atelier", inacabado, mostrando êsse feio homem de gênio que foi António Pedro, com uma fidelidade pasmosa. Devia ser, António Pedro não podia achar-se em frente de si mesmo sem sofrer cruciantemente a mágoa da sua figura.

É de 1872 a primeira tela de Columbano. De então para cá a sua obra é enorme. Mais de 150 trabalhos se podem contar. A galeria dos seus retratos é uma coisa maravilhosa e curiosa documentação para a posterioridade sobre os grandes homens do nosso tempo. Ali encontra o futuro os nossos intelectuais quasi todos. Pena é que falte Camilo, já alguém notou. Pena que o próprio pintor tem, mas nunca em vida do grande e desventurado homem de gênio ocasião se proporcionou para êle pousar.

Foi com êste grupo de criaturas que

constitue a galeria de Columbano, que êle se deu. Elas foram as suas afeições e a sua amizade, o refúgio da banalidade irritante. Nenhum pintor houve que tão artista fôsse, que só se desse a pintar homens de letras, quasi todos pobres. Sim, porque Columbano com a sua vasta obra não tem ganho contos de réis. A sua vida tem sido uma dedicação ao seu Sonho e nenhuma outra labareda o consome e o faz estremecer, mais do que o grande amor que tem à Arte. Se percorrermos a galeria dos seus retratos encontraremos os nossos homens mais notáveis. Assim é que lá estão Antero, Oliveira Martins, e Rafael Bordalo, três grandes mortos. António Nobre, Mariano Pina e D. João da Camara. Eça de Queiroz, o artista da prosa, amargo torturado. Dos vivos estão os vultos de mais valor das nossas letras: Fialho de Almeida, o artista máximo, da ironia e da comoção; Henrique Lopes de Mendonça, o grande artista revivedor das figuras da nossa história; João Rosa e Augusto Rosa, Silva Pinto, o azêdo comentarista dos homens e dos fatos; Batalha Reis, Coelho de Carvalho, António Feijó, poeta e diplomata; Eugénio de Castro, o músico, o filigranista do verso, João Barreira, de velasquiano perfil, Raul Brandão, o artista bizarro da "Farça", Abel Botelho, cronista dos "bas-fonds" e do vício, Guedes Teixeira, o poeta da "Mocidade Perdida", Henrique de Vasconcelos, José Queiroz, Vicente Arnos, José de Figueiredo, crítico de arte, profissão rara em Portugal; Conde de Arnos, o pintor Casanova, Trindade Coelho, Francisco Teixeira e muitos mais nomes que representam algo e que algo valem. O que os seus retratos são disse-o um dia Sargent, parando diante de um dêles. Examinou-o demoradamente, cuidadosamente, após o que, procurando a assinatura, voltou: "Eis aquí um grande artista"!

Os seus destaques de luz e sombra, o seu modo de ver o modelo, tudo o torna inconfundível. Columbano é um grande creador. Tem seguido sempre a sua linha ascen-

cional, sem cuidar de outros processos; de outras maneiras que não sejam a sua.

Columbano tem feito pastel, mas os seus retratos são quasi todos pintados a óleo. Desenha maravilhosamente. O retrato de Henrique de Vasconcelos, a lápis, é uma coisa absolutamente ideal. O auto-retrato e a deliciosa cabeça de mulher são dois trabalhos deliciosos de arte, de beleza e de perfeição. Nas mais pequenas coisas vincam os grandes artistas o seu gênio.

* * *

Nenhum pintor tem sido mais discutido do que Columbano. Mas também nenhum tem sido mais aclamado. Quasi todos os nossos escritores se têm ocupado da sua figura originalíssima e da sua obra tão pessoal.

Fialho de Almeida, nos "Gatos", chama a Columbano o "poeta do feio forte, o cronista da deformidade moderna, ascético e bisonho". Mais adiante, que "Columbano mira alguma coisa mais sólido que o brilhante, o convencional horroriza-o, que é a fantasia de muitos — e, espírito raro, dedenha a arte que pensa nos aplausos". Ribeiro Artur tratando d'ele no seu livro "Artes e artistas contemporâneos" escreve que Columbano "é já um pintor extraordinário, um dos raros que compreendem a grandiosidade da arte... Há na sua alma alguma coisa acima do vulgar, um ideal soberbo, um orgulho de raça e de caráter, que fazem d'ele um dos mais notáveis pintores peninsulares".

Guedes Teixeira disse que ele é o maior dos nossos pintores e que se quisesse teria sido "o maior dos nossos poetas, o maior dos nossos escultores". É um temperamento extraordinário, dotado das mais amplas faculdades, com uma sensibilidade espantosa, um esmero inigualável, seriedade no trabalho duvidando sempre como todos os grandes e, portanto

como todos os grandes subindo sempre, dedicando à sua arte toda a sua vida e toda a sua vontade e vencendo, triunfando por fim, sem que a glória nunca o desvaneca e os aplausos o distraiam".

Henrique de Vasconcelos com Raul Brandão vê na obra de Columbano uma intenção psicológica. O primeiro, depois de afirmar que "Columbano não é discípulo de ninguém" e depois de lhe notar certas qualidades da escola flamenga, outras da Veneziana, e a "riqueza de tons de Velasquez", diz que ninguém melhor do que ele sabe interpretar o "modo de ser psíquico, fundamental e permanente de cada um dos seus retratos".

Apesar do juízo dos seus contemporâneos lhe ser favorável — refiro-me somente aos juízos emitidos por artistas, criaturas que se identificaram com a visão de arte que Columbano tem, — Columbano é um homem com imensos inimigos. Nunca transigiu, nunca subservienciou, não louvaminha, é justo em todas as suas apreciações e de uma retidão absoluta, — um grande caráter dentro de um grande artista. Ora isto é uma coisa imperdoável. Nunca ninguém perdoou aos que persistem e com vontade de ferro, energia inquebrantável, juraram a si mesmo ir buscar poiso no sítio que imaginaram. Porque a glória, sendo a montanha encantada das "Mil e uma noites", onde os que começam a ascensão e lhes faltam forças se transformam logo em pedras gritadoras, bradando mil perigos e tentando demover o que vai buscar a gaiola de ouro, que se guarda lá no cimo é também "o palácio encantado cujas portas abrem para o vácuo". Ilusão somente, que seca, que envelhece, que mata. E a glória em Portugal que é? Ah! é bem triste ter nascido homem de gênio neste país. Penso-o sempre que lembro as lutas, os esforços e a obra de Columbano, — águia real que o destino condenou a viver entre milhares.

* * *

E a propósito de Columbano vá lá uma anedota.

Um crítico irreverente e atrevido, sem nome, sem obra, novo, má-língua, jatan-ciava-se de, não sei em que revista ter agredido Columbano. Encarecia o seu juízo, mostrava o "non plus ultra" demolidor da sua prosa, contudente, alanhante, arrasadora. Foi numa conhecida livraria... Uma de nossas mais gentis mulheres de teatro, autora também, criatura de muito espírito, ouvia sem saber quem era que ali surgia inconoclasta e vigador, terramotando o mundo com a sanha do Apocalipse. Ouviu e não se conteve sem que com um riso zombeteiro lhe perguntasse numa voz ainda mais zombeteira e admirada: — E Columbano ficou vivo?



● Segundo informam de Madrid, tiveram início as obras de excavação da praça de Ramalheira, em busca da sepultura de Diogo Velasquez.

O grande pintor foi ali enterrado em 1660, numa cripta subterrânea da Igreja de São João, que existia onde hoje se ergue aquela praça.

Ondina Bonora de Oliveira

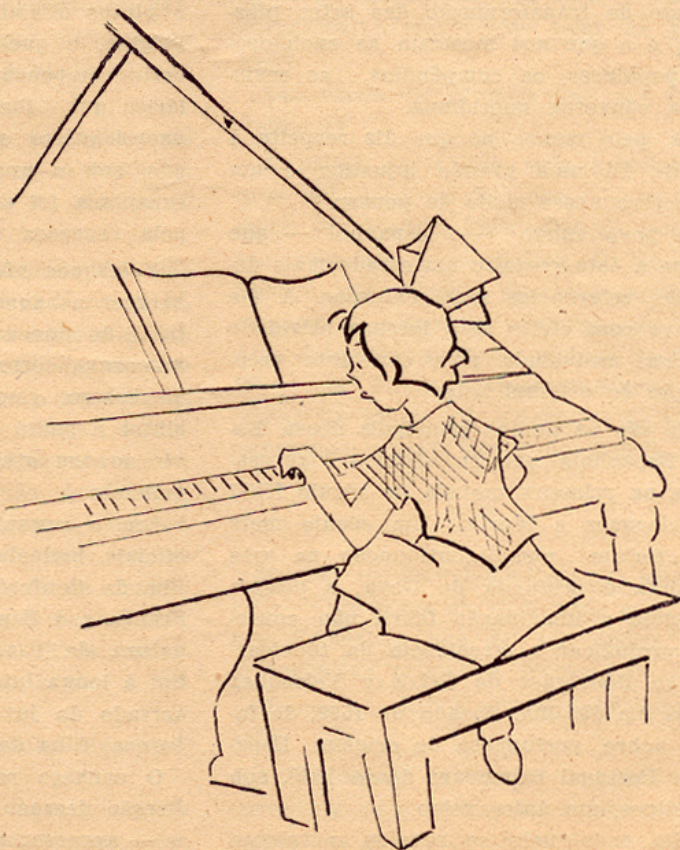
(Professora de Piano)

Ensino Es-
pecializado



Rua Dona Elisa, 50
(Perdizes)

Fone: 5-5971
S. PAULO



Velasquez, Murilo e a Escola Espanhola

Os nomes que mais rápido, em geral, nos acodem à mente quando falamos do renascimento artístico do início da idade moderna, são os italianos. Miguel Angelo, Rafael Da Vinci, e quantos outros...

É o que recebemos, nos colégios de humanidades, como expoentes do grande movimento de transformação das artes plásticas; é o que nos mostram as enciclopédias populares, os compêndios, as revistas, a conversa quotidiana.

Mas, pelo menos no que diz respeito à pintura, há uma grande injustiça e um grave erro nesse modo de pensar.

Um povo existe — o espanhol — que merece a este respeito um estudo mais demorado, referências mais extensas. A ele se deve com efeito uma intensa atividade artística, assinalada pela constante preocupação de originalidade.

Dois são os nomes principais dessa Escola Espanhola que se afirmou vigorosamente na primeira metade do século XVII — Velasquez e Murilo. Um século mais tarde teriam eles continuação na arte irrequieta e profunda de Goya, o mestre em quem a imaginação febril não conseguia prejudicar a excelência da técnica.

Diego Rodriguez de Sylva y Velasquez nasceu em Sevilha, no ano de 1599, de família nobre, portuguesa de origem: Espanha e Portugal formavam desde 1580, sob os Felipes, um único reino.

Muito cedo nele se revelou o talento que Felipe IV soube apreciar numa das

composições da mocidade do pintor, que contava então vinte e quatro anos apenas.

Trouxe-o o rei para a corte, deu-lhe cargos importantes — inspetor das casas reais, intendente dos palácios — e deixou-lhe o tempo largo para se dedicar à sua arte. Foi por isso Velasquez como que o pintor oficial do rei, da corte e da fidalguia, o que lhe valia honras que por certo compensariam a mesquinhez dos salários que lhe dava o tesouro real pelo exercício dos seus cargos — e é sabido que, sob a aparência de fausto, a corte espanhola foi constantemente atormentada pela escassez de dinheiro.

Velasquez não se contentava aliás de exercer as suas funções como se se tratasse de sinecuras, e de todas as maneiras procurava corresponder às honras que lhe dispensava o soberano, apreciador do seu pintor a ponto de não passar um dia sem vir ao seu atelier para uma conversa amistosa.

Era o organizador de todas as festas oficiais, inclusive as que se realizaram na ilha da Conferência, no Bidassoa, entre a França e a Espanha, para celebrar a assinatura da paz dos Pirinéos, que punha fim à longa luta entre os dois países, e o noivado do jovem Luiz XIV e de Maria Teresa, filha de Felipe IV.

O cansaço resultante do preparo e da direção dessas grandes festas — afirmou-se — apressou a morte do artista, que contava então sessenta e um anos de idade.

A arte de Velasquez não se formou longe do exemplo dos pintores italianos, apesar do cunho de originalidade que é necessário reconhecer-lhe e que basta para que a Escola, por ele chefiada, não seja apenas uma expressão geográfica.

Graças à autorização do seu protetor e poderoso amigo, o rei da Espanha, pôde ele fazer em 1628 uma longa viagem à Itália. Aí, nas maravilhosas galerias que guardam as obras primas da pintura italiana, o exemplo dos mestres venezianos, de Ticiano, de Veronese, de Tintoretto, exerceu sobre o seu espírito uma influência mais poderosa.

A cor, para ele, dominava o desenho. Delas, dos seus efeitos, do seu equilíbrio, do seu contraste é que derivava a impressão vigorosa de realidade, que ele procurava incessantemente, fugindo tanto da cópia juxta-linear do modelo quanto da tendência para a alegoria, que caracterizou tantos pintores da época e ainda os posteriores.

"Antes ser o primeiro no vulgar do que o segundo no delicado" — era o seu lema quando ainda não passava de um pobre pintor desconhecido.

Para satisfazer a necessidade de vida e de realidade, que se impunha ao seu talento, ia buscar inspiração e modelo a toda parte, ao palácio real tanto quanto aos bairros miseráveis de Madrid; aos reis, às rainhas, aos príncipes, aos homens de Estado, como aos bobos da corte, aos pobres, aos bêbedos; às cenas de interior como aos panoramas de guerra, aos velhos como às crianças, onde quer que se lhe oferecesse a oportunidade de surpreender um pouco de beleza e de nobreza, uma expressão de inteligência, a marca de um sentimento, o sorriso, a cor, a forma, a harmonia.

Seus quadros, principalmente seus retratos, tornaram-se célebres.

A "Rendição de Breda" é um dos mais famosos. Recorda a rendição de uma cidade holandesa, Breda, em luta com o rei

da Espanha, em 1625. O príncipe Justino de Nassau, comandante da cidade, que resistira a um cerco de dez meses, faz ato de submissão perante o marquês Ambrósio Spinola, à frente das tropas espanholas. Esse quadro chama-se também — "As lanças", ao fundo vê-se a floresta de lanças do exército vitorioso.

No quadro "Os borrachos" (os bêbedos), Velasquez imagina a admissão de um novo conviva da intemperante sociedade. As fisionomias, quer as das figuras mitológicas — Baco, sentado num tonel — quer as dos demais personagens, são intensamente movimentadas e traduzem de modo patético a falsa e pesada alegria do vício.

"As Fiandeiras", "Maria Ana", "Maria Teresa", "Margarida-Maria", "As Meninas", "Reunião de 13 personagens" (em que muitos vêm os retratos do próprio pintor e de Murillo ao seu lado). "Vista de Saragossa" são outras telas de grande valor.

São vários os retratos que nos deu de Felipe IV.

A maior parte dos seus grandes quadros acham-se na Espanha, e principalmente em Madrid. Rara coisa de valia passou para os outros países. O Museu do Louvre, por exemplo possui pouquíssimos exemplares originais: o retrato de Maria Ana d'Áustria, segunda mulher de Felipe IV, o da infanta Margarida-Maria, duas cópias de Felipe IV, "Reunião de 12 personagens", e mais uns dois ou três.

* * *

Murillo — Bartolomé-Esteban, dito Murillo — era cerca de vinte anos mais moço que Velasquez, que foi seu amigo e lhe protegeu os primeiros passos de artista.

Nasceu na mesma cidade de Sevilha, em 1618.

A Velasquez deveu as facilidades que encontrou para visitar as riquíssimas coleções das galerias reais e, por meio delas o conhecimento dos mestres italianos e

dos flamengos, cuja influência se fez sentir em sua pintura.

Rubens e principalmente Van-Dyck impuseram-se à sua predileção, sem esquecer o próprio Velasquez, que é, sem dúvida, a primeira figura da Escola Espanhola.

Dos italianos recebeu Murillo a nitidez do desenho mas, também, o gosto da alegoria, que se nota em grande parte de seus quadros. Aos flamengos, como a Velasquez, deveu o exemplo do zelo do colorido, o talento das meias-tintas, a primazia da cor sobre o traço, que é a característica de toda essa escola.

Embora os entendidos o tenham por inferior a Velasquez, Murillo é talvez mais popular do que o seu mestre, graças principalmente aos seus quadros de assunto religioso. Dentre eles, não há quem não conheça a famosa "Imaculada Conceição", comumente chamada "Conceição de Murillo". Reproduzida em todos os formatos, servindo de modelo para esculturas, distribuída por todos os cantos do globo, é, como a "Ceia" de Da Vinci, uma das obras de arte mais amplamente vulgarizadas.

A tela original foi adquirida, na segunda metade do século passado, pelo Museu de Louvre, de Paris, onde se encontra ainda hoje. Por ela foram pagos 600.000 francos, quantia extraordinária naquela época, tanto quanto atualmente. Seiscentos contos, mais ou menos, em dinheiro brasileiro.

A Virgem, de cabelos castanhos caindo sobre os ombros, mãos cruzadas sobre o peito, vestida de branco e com um manto azul, pisa o crescente da lua, lembrando a palavra do Apocalipse: "Apareceu no céu um grande prodígio; uma mulher, revestida do sol, tinha a lua sob os pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas".

Envolvida por uma espécie de vapor luminoso, a Virgem de Murillo é ainda cercada de uma guirlanda de anjos, em que os críticos mais exigentes não vêem grande harmonia com a imagem principal. Para eles, essa imagem poderia ser substituída

por uma figura pagã sem que por isso os anjos — transformados em Amores — ficassem deslocados no quadro.

Mas o certo é que, apesar dos defeitos que se lhe possam reconhecer, a tela se tornou extremamente popular. Talvez até hajam contribuído para isso aquelas imperfeições mesmas que lhe apontam os melhores conhecedores de arte: o mixto de realismo e de apoteose, a inspiração de origem heterogênea, a falta de novidade do tema, que já fôra tratado por Ticiano e Corregio, o que indica naturalmente a popularidade do próprio assunto, a sua capacidade para tocar a imaginativa e o sentimento do vulgo.

No "Pequeno Mendigo" é, porém, Murillo, um puro realista. Ao canto de um muro, o menino maltrapilho interrompe a refeição — a bilha de água está à vista, as maçãs rolaram do cesto, há uns restos de lagostas no chão — e ocupa-se em dar caça aos insetos que o importunam. Pela fenda do muro entra uma réstea da luz forte do céu, da península, adivinhando além e que é o maior encanto da cena, cuja vulgaridade ele transfigura.

Esse belo quadro, como a "Conceição", acha-se também no Louvre e é um dos mais característicos da maneira do pintor sevilhano.

A "Cozinha dos Anjos", ou "Milagre de São Diogo", é tratado com um mixto de realismo e de sobrenatural que fazem do quadro uma obra admirável.

No convento onde tudo fala, porque os monjes se despojaram em favor dos pobres, São Diogo pôs-se a rezar. Eis senão quando, elevando-se o seu corpo do solo, os anjos vêm preparar os alimentos, que milagrosamente enchem as vasilhas. Os outros frades e mais pessoas estranhas, que entram na cozinha, estacam maravilhados diante da cena.

"Adoração dos Pastores", "Nascimento da Virgem", "A Virgem do rosário", vários "Mendigos", retratos e outras composições de maior ou menor valia ilustram

ainda o nome do artista, que morreu em 1682, aos 64 anos portanto, na mesma cidade de Sevilha que o viu nascer de uma família de pobres operários.

O que ainda hoje nos encanta nele, como em Velasquez, e em toda a Escola Espanhola é a naturalidade, a simplicidade, a fidelidade que distingue as suas obras, além daquela fluidez do colorido, daquela transparência, daquele relêvo que tomavam as imagens sob o pincel desses estupendos criadores de beleza.

Antes de Velasquez, e portanto de Murillo, já o estranho e sombrio Greco (Domenico Theotocopuli, dito "el Greco", que nasceu talvez na ilha de Creta, em 1548, estudou em Veneza, mas viveu na Espanha a maior parte da sua vida, morto em 1625), Ribera (1588-1652), Herrera (1576-1656), Zurbarán (1598-1662) haviam procurado, e com proveito, aquele senso do natural, impressão do real, que na Itália o Caravaggio transpunha para as suas telas cuja ousadia escandalizava os contemporâneos.

"Resenha Musical"

PÓDE SER LIDA NAS SALAS DE LEITURA DAS PRINCIPAIS
BIBLIOTECAS, DOS MAIORES HOTEIS E CLUBES DO PAIZ

D. Kopenhagen

FILIAL NO RIO:

R. Buenos Aires, 52 — Tel. 43-9740

MATRIZ — SÃO PAULO:

R. Dr. Miguel Couto, 28 e 41

Telefone 3-3406

Filial: R. Barão de Itapetininga, 92

Tel. 4-39.46

FABRICAÇÃO

DE

ESPECIALIDADES

EM

MARZIPAN

E

Chocolates



Casemiras, Brins e Linhos, nos
mais variados padrões, V. S.
encontrará na

Casa Alberto

LARGO SÃO BENTO N.º 40

Fone 2-2336 — S. PAULO

RUA FREI GASPAR N.º 39

Fone 4-476 — SANTOS

Vitrine de Livros

GENÉSIO PEREIRA FILHO

●
"NOÇÕES DE HISTÓRIA DA MÚSICA" — Domingos Alaleona — Tradução de J. C. de Caldeira Filho — "Ricordi Americana", São Paulo

A "Ricordi Americana", filial desta capital, acaba de lançar, numa tradução de J. C. Caldeira Filho, a interessante obra "Il Libro D'Oro del Musicista", de Domingos Alaleona.

Esta obra é de muita utilidade para os estudantes da arte de Orfeu, porque inteligentemente realizada: simples, clara, didática e contendo o essencial. Fez bem o tradutor, cronista musical do "Estado de São Paulo", em acrescentar dois capítulos, um sobre a música contemporânea e outro sobre essa arte no Brasil. E muito bem andou, ainda, ao ampliar certos trechos, que, de fato, merecem maior extensão.

Sou obrigado a discordar do título português, porque o trabalho do professor italiano possui a parte dedicada à física musical e realiza, também, estudos estéticos. Mesmo na parte histórica, estudando a origem e técnica de gêneros musicais, fogueira, tanto autor e tradutor, da história. Eis porque prefiro que tivesse sido conservado o título original, em tradução.

No referente à Idade Média, fez bem Caldeira Filho em mostrar os erros de Alaleona. É inadmissível considerar-se, hoje em dia, essa fase da história como um período de trevas e de retrocesso, em que a Igreja foi tirana. É mesmo ser um cego que não quer enxergar.

Só terão a lucrar, os estudantes de música, que manusearem este livro.

"HINO DA INDEPENDÊNCIA e HINO NACIONAL": JOÃO C. CALDEIRA FILHO

— "Ricordi Americana", S. Paulo

O sr. João C. Caldeira Filho, crítico musical de "O Estado de S. Paulo", vem de publicar pela "Ricordi Americana" interessantes notas a respeito de nossos Hino da Independência e Hino Nacional.

Conhecidas são as divergências relativas à composição desses belos hinos, cujas músicas entusiasмам a todos, pelo que de bom e vibrante possuem.

Este trabalho não é mais do que a ampliação de dois artigos publicados no "O Estado de S. Paulo", em 21 de outubro e 16 de novembro de 1941; e não vai além de 62 páginas, com algumas ilustrações.

Na primeira parte, Caldeira Filho nada conclue, dizendo mesmo: "Na impossibilidade de chegar a conclusão definitiva, apresento estas notas para expor o estado atual da questão, as incertezas correntes quanto ao histórico do Hino da Independência e provocar novas pesquisas ou mesmo a publicação de resultados definitivos, por ventura obtidos por algum estudioso".

São tantas as versões correntes sobre o Hino da Independência, que nos perdemos no emaranhado de opiniões.

A conclusão mais acertada parece ser: a música é de autoria do nosso primeiro imperador e a letra de Evaristo da Veiga.

Quanto ao Hino Nacional, menores são as divergências. A música é de Francisco Manuel da Silva e a letra atual de Osório Duque Estrada.

A não concordância refere-se a datas e pequenos outros fatos.

Caldeira Filho conclue pela composição em 1841 (abdicação de D. Pedro I) e entra em minúcias.

Esta sua brochura é de interesse para os que desejarem resolver o problema ou tratar seu o recurso a uma futura solução.

Peter Tchaikowsky

(1840 - 1893)

Ernesto MEHLICH

HOUVE três personalidades que exerceram influência predominante na vida do grande compositor russo, e foram os irmãos Antonio e Nicolau Rubinstein bem como a Sra. Nadeshda de Meck.

Antonio Rubinstein, então o maior pianista da Europa desde que Liszt, tendo-se dedicado inteiramente à composição, se retirara do palco, foi o fundador e diretor do Conservatório de Petersburgo. Entre os primeiros alunos que se inscreveram apareceu o jovem Tschakowsky. Sendo enorme a afluência de jovens estudantes russos nessa Escola de Música, Antonio Rubinstein induziu o seu irmão mais moço, Nicolau, a que fundasse instituto similar em Moscou, mandando-lhe como professor de teoria e composição, para a nova escola, Tschaikowsky, que, graças a varias composições pequenas, já gosava certo prestígio nos círculos de Petersburgo.

E Nicolau acolheu o jovem compositor com aquela hospitalidade caracteristicamente russa, intimidando e quase cativando o ainda acanhado Tschaikowsky, com o dinamismo da sua proteção e amizade.

Era sem dúvida extranha a atitude dos Rubinsteins para com Tschaikowsky. Ambos reconheceram o grande gênio deste, mas no entanto sempre se recusaram a apreciar as suas composições de então. E especialmente Antonio, embora fosse ele quem tinha levado Tschaikowsky a tornar-se músico, todavia criticou toda nova

composição do seu ex-aluno e aliás de maneira acerba. Quanto a Nicolau, prestou ele continuamente serviços valiosos a Tschaikowsky, mas logo que percebia poder este tornar-se independente ou ser capaz de alcançar qualquer êxito sem o apóio dele, Nicolau não tardava em usar até de malícia e má vontade para com o jovem compositor. Dir-se-ia que na alma de Nicolau, caracteristicamente russa, havia o prazer perverso de maltratar o jovem artista hipersensível, para logo em seguida, dispensar-lhe todo o carinho possível.

Foi Nicolau quem, no ano de 1877, trouxe a Nadeshda de Meck, viuva do "Rei das Estradas de Ferro da Rússia", uma composição de Tschaikowsky intitulada: "A Tempestade", composição que impressionou aquela senhora de maneira surpreendente. Vivendo dentro da maior riqueza, entusiasmou-se imediatamente pelo genial compositor. Deu-lhe uma bolsa anual para poder ele dedicar-se tranquilamente ao seu labor de compositor. E assim através de uma farta correspondência se estabeleceu entre Nadeshda e Peter, uma das mais singulares amizades na história da música.

Nadeshda tomou parte em cada detalhe da vida de Tschaikowsky e este retribuiu tal devoção com a sua ampla confiança, pondo Nadeshda ao par de todos os acontecimentos da sua carreira. Durou esta amizade cerca de treze anos sem que tivessem os dois jamais se avistado sequer.

Vivendo na mesma cidade de Moscou ou passando durante o mesmo período algumas semanas de repouso em Florença, ambos, apesar dessa íntima amizade intelectual, evitaram de se encontrar.

E essa singular amizade veio a ter fim em 1890 pela mesma forma enigmática por que se iniciou. Sem que houvesse ocorrido a menor desinteligência, Nadeshda subitamente cessou a sua correspondência, se recusou a aceitar as cartas de Tschaikowsky, retirando ao mesmo tempo a bolsa que lhe concedera. Restam apenas conjecturas sobre os motivos dessa ruptura inopinada.

A correspondência recém-publicada entre Tschaikowsky e Nadeshda de Meck nos fornece a mais valiosa documentação acerca da vida e da obra do grande compositor. Como prova aí está a carta seguinte de Tschaikowsky a Nadeshda sobre a composição do concerto em si bemol para piano e orquestra:

"Em Dezembro de 1874 compuz um concerto para piano e orquestra. Não sendo pianista, precisei do conselho dum virtuose de piano sobre certos trechos puramente pianísticos. Unicamente para esta parte técnica do meu trabalho procurei um juiz sério, mas ao mesmo tempo amigoso. Nicolau Rubinstein, além de ser o primeiro virtuose de Moscou, era conhecedor profundo de todos os recursos técnicos do piano.

"Sabendo de antemão que ele se sentiria molestado comigo se deixasse de solicitar a sua opinião, pedi-lhe ouvir o concerto e dar-me o seu parecer sobre a parte pianística. Foi na noite de natal de 1874. Fomos ambos convidados por Humberto Albert, professor de música que residia no próprio Conservatório, e Nicolau sugeriu que nos dirigissemos a uma das salas da escola. Eu trouxera o meu manuscrito, e instantes mais tarde chegaram Nicolau e Humberto. Conhece a senhora este homem? É pessoa muito inteligente e simpática, mas completamente destituída de juízo próprio, sempre disposto a apoiar qual-

quer opinião manifestada por outro crítico; e é assim, não por perversidade, mas por falta de caráter.

"Então, toquei a primeira parte... — Nada, nenhuma palavra por parte de Nicolau! Se a Sra. pudesse imaginar como é intolerável e humilhante quando um homem oferece ao seu amigo um prato feito por suas próprias mãos, e este amigo, provando-o, deixa de manifestar-se! Que diga pelo menos qualquer coisa, que chegue mesmo a gritar cordialmente comigo, mas, que, por amor de Deus, diga uma palavra, senão entusiástica, ao menos simpaticamente e confortadora. Mas o silêncio de Antonio Rubinstein era muito significativo. Este silêncio de Rubinstein quase que dizia: "Oh, meu amigo, como pode esperar que eu fale sobre detalhes quando a coisa inteira me produz náuseas! "Pacientemente toquei o resto do concerto. Outra vez: silêncio! — Levantando-me do piano perguntei apenas: "Então?" Nessa ocasião começou a jorrar dos lábios de Rubinstein uma torrente de palavras, primeiro mais moderadas, mas que se foram elevando sempre até chegar à sonoridade de um Jupiter. "Evidentemente meu concerto não presta para nada, é impossível melhorá-lo, os temas são banais, grosseiros e tão inaptos que nem sequer podem ser corrigidos. A minha composição é ruim e vulgar; plagiei isso tudo, daqui e dali. Apenas umas duas ou três páginas podem ficar como estão, o resto deve ser ou destruído ou completamente recomposto. — "Por exemplo, isso — que quer dizer isso? — e ao mesmo tempo ele tocou a frase em questão de maneira completamente desfigurada: — "e aquilo lá? mas como é possível escrever assim?; e outras frases no mesmo teor. Mas não lhe posso descrever, o fato essencial: o tom desdenhoso em que tudo isso foi dito.

"Uma pessoa estranha, ao entrar por acaso na sala, teve de concluir que eu era um demente com mania musical, um dileitante incapaz, que assim molestava uma autoridade famosa com as suas sandices.

“Eu fiquei, não apenas vexado, mas também muito magoado por causa dessa cena. Afinal de contas não sou um tolo, não sou um diletante em matéria de composição, não preciso de lições de ninguém, muito menos quando ministradas de maneira tão ferina e inamistosa. O que é, o que sempre será preciso, são conselhos amistosos, mas o que tinha ocorrido era justamente o contrário. Era uma desaprovação integral, sem o menor fundamento, manifestada em termos e formas chocantes.

“Trêmulo de raiva saí da sala para o andar superior. Logo em seguida apareceu Rubinstein e percebendo meu estado de exaltação, repetiu novamente que meu concerto era impossível, indicou vários trechos que, segundo sua opinião, necessitavam de uma alteração completa. Afinal de contas, veio declarar-me que quando eu tivesse efetuado as alterações indicadas, até uma determinada data, ele se dignaria de incluir o meu trabalho em um dos seus concertos.

“Não vou modificar nota alguma” — respondeu-me eu — “vou mandar imprimir o concerto tal e qual como está!”.

Casa Jack

Al. Barão de Limeira, 19
(Esq. Pr. J. de Mesquita)

Telefone 4-4803



Permanentes a Oleo e Vapor
Manicures



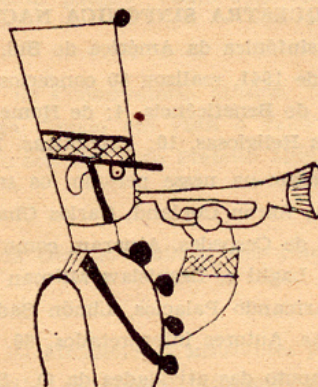
Especialidades: TINTURAS
Aparelhos Modernos - Serviço
Bom e Rapido

E foi o que aconteceu. O concerto foi impresso como estava, apenas com uma modificação. Foi substituído, na dedicatória da obra, o nome de Nicolau Rubinstein pelo do célebre pianista e regente alemão Hans von Bulow, que, nessa ocasião, foi um dos mais entusiásticos propagandistas de Tschaikowsky.

Finalmente, porém, a crítica de Rubinstein se tornou mais eficiente do que o entusiasmo de Bulow. Poucos anos mais tarde, Tschaikowsky fez uma revisão completa desta obra, segundo as indicações de Nicolau, e foi nessa forma que o referido concerto, “o duelo entre o piano e orquestra”, se tornou definitivamente o mais apreciado de todos os concertos modernos. E nessa forma foi que Nicolau Rubinstein tocou o concerto em toda a Europa e na América do Norte, contribuindo assim para a glória do imortal Tschaikowsky.

PASSAGEM DO BATALHÃO SINHO

— CLOVIS DE OLIVEIRA —
(para piano — duas mãos)



“A mais linda estilização dos nossos
batalhões infantis”.

Nova Edição — Preço: 3\$000

Pedidos à Redação de “RESENHA
MUSICAL” ou às melhores casas de
— música —

VARIAS...

O ENSINO DE MÚSICA NO CURSO GINASIAL — Pela Portaria Ministerial n.º 101, de 27 de Abril p. p., foi nomeada uma comissão geral para elaborar os programas destinados ao curso ginasial. Figura entre os professores escolhidos, o maestro Heitor Villa-Lobos, lúcido representante da cultura musical do Brasil, o qual por certo empregará os seus esforços para que a música nesse setor do ensino tenha o realce que bem merece como um dos fatores de nacionalização da mocidade brasileira.

S. A. TEATRO BRASILEIRO — Transcrevemos a resposta que demos há pouco à consulta de um leitor: “A S. A. Teatro Brasileiro, da qual era Presidente a sra. Gabriella Besanzoni Lage, foi dissolvida por resolução tomada em Assembléia Geral realizada a 19 de Fevereiro do corrente ano, na Capital da República”.

ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL, LIMA, PERÚ — Da atividade dessa grande orquestra sinfônica da América do Sul, damos os seguintes dados: De Dezembro de 1940 a Dezembro de 1941, realizou 80 concertos, assim distribuídos: Concertos de Série, 6; Extraordinários, 11; de Beneficência, 4; de Homenagem, 3; ao Ar Livre, 11; com o “American Ballet”, 9; Atuações Religiosas, 10; Patrióticas, 1; pela Rádio Nacional, 25.

Regeram-na nesse período, os srs. maestros Theo Buchwald (Diretor efetivo), Emanuel Balaban, Aaron Copland, Carlos Chavez, Frederico Gerdes, Erich Kleiber, Paul Kosok e Luis Pacheco de Cespedes. Atuaram como solistas: Mercedes Caraza e Lucrécie Larria (sopranos). Virgínio Laghi e, Bronislaw Mitman (violinistas), Adolfo Odnoposoff (celista), Mercedes Padrosa, Armando Palacios, Limón Sadoff e Alexandre Uninsky (pianistas). Foram executadas 152 obras. Autores interpretados, 69. 1.ªs audições, 55.

Cômputo das atividades da O. S. N., desde sua criação: atuações, 246; obras executadas, 315; 1.ªs Audições 179.

Essa importante orquestra já realizou muitos concertos neste ano, dentre os quais citamos: o de 8 de Janeiro, sob a regência de Erich Kleiber; o de 8 de Março, sob a regência de Alexander Koseleff; o de 15 de Março, sob a regência de Frederico Gerdes.

RICARDO ODNOPOSOFF — Violinista — Realizou dois concertos em Lima, a 14 e 17 de Março, acompanhado pelo pianista Hans Lewitus.

INSTITUTO MUSICAL "SANTA MARCELINA" — Esta importante escola de música, realizou a 4 do corrente uma agradável "Hora de Arte" com o concurso da cantora Francisca Azevedo Cotrim.

HORA DE ARTE — Na residência do sr. Oswaldo Stamato, nesta Capital, realizou-se a 19 do corrente uma fina reunião artística com o concurso das professoras D. C. Antunes e Linda Zácáro.

PUBLICAÇÕES — Recebem^{os} e agradecemos — Revista "Micro", Medellín, Colômbia; **Noticioso Católico Internacional**, Buenos Aires; **Music Educators**, Chicago; **Revista Musical**, México; "Orientacion Musical", México; **Nova Lurdes Brasileira**, Niterói; **Ciências e Letras**, São Paulo; **Boletins da "B. B. C."**, de Londres.

CURSO DE INTERPRETAÇÃO MUSICAL — Dado o sucesso que alcançou nesta Capital a 1.^a Série de Aulas do Curso de Interpretação, a cargo da eminente pianista Madalena Tagliaferro, realizar-se-á na 2.^a quinzena de Junho, a 2.^a Série. Este curso é patrocinado pelo Governo do Estado de São Paulo.

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO ARTÍSTICA — O dr. Rodrigues Alves Sobrinho, Secretário da Educação e Saúde Pública, deste Estado, recebeu dos Membros do Conselho de Orientação Artística, o seguinte telegrama: "Membros do Conselho de Orientação Artística de São Paulo, com a maior satisfação, apresentam a V. Excia. agradecimentos pela promulgação do decreto 12.611, referente à organização do Conselho de Orientação Artística e Nacionalização do Salão Paulista de Belas Artes. (aa.) Gomes Cardim, secretário; Francisco Pati, Dácio de Moraes, Teodoro Braga, José Maria da Silva Neves, João Caldeira Filho e Alípio Dutra".

SÔBRE PADRE JOSÉ MAURÍCIO — O dr. Luiz Edmundo, falou dia 22 do corrente, na Biblioteca Municipal desta Capital, sobre o famoso compositor patricio Padre José Maurício Nunes Garcia.

MARÍLIA E SEU CONSERVATÓRIO — Marília tem no Conservatório Musical "Santa Cecília", a prova cabal de seu progresso e de sua cultura. Tendo em vista o valor desse estabelecimento de ensino, que o sr. dr. Nelson de Carvalho, seu dinâmico Prefeito Municipal, concedeu-lhe recentemente uma subvenção anual.

EM PÔRTO ALEGRE — A cantora portuguesa Cacilda Ortigão realizou dois concertos, nos dias 19 e 22 do corrente.

MOLÉSTIAS DOS VIOLINISTAS E DOS PIANISTAS — Atendendo a insistentes pedidos dos nossos leitores, repetimos nesta edição, o valioso artigo do nosso brilhante e culto colaborador dr. Flausino do Vale, publicado no n.º 42 correspondente ao mes de Fevereiro do corrente ano.

AUDIÇÃO DE PIANO — Promovido pelos profs. Ondina e Clovis de Oliveira realizou-se a 31 do corrente, no salão da Fábrica de Pianos "Brasil S. A.", uma audição de piano a cargo dos alunos Carlos Henrique Zanini, Alfredo Luiz C. Pinto da Silva, Eda Corona, Erminia Fornazari, Sérgio Corona, Noêmia Costa, Idalina da Conceição e Haidée Paiva..

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO ARTÍSTICA DE S. PAULO — O ensino artístico no Estado, está sob a proteção e fiscalização do Conselho de Orientação Artística de S. Paulo, nos termos do dec. 9798 de 7 de dezembro de 1938. As escolas de arte só poderão funcionar no Estado de São Paulo com autorização do C. O. A., estando contudo excluídos dessa obrigação os estabelecimentos superiores de ensino artístico, que estejam sob a fiscalização federal, conforme deliberação do Conselho Nacional de Educação em seu Parecer n.º 224, e homologação do sr. Ministro da Educação.

O atual Governo do Estado, respeitando 224 Parecer do C. N. E. e homologação do Sr. Ministro, promulgou o Dec. 12611 de 31-3-42, decretando assim, o que o Cons. de O. Artística, já vinha respeitando desde a publicação, o Parecer 224 e homologação do Sr. Ministro, acima referidos, sanando assim, perfeitamente as dúvidas levantadas entre a fiscalização Estadual, nos termos do Dec. 9798-1938 e a fiscalização federal exercida de acôrdo com o Dec. Lei 421 de 11-5-938, traçando mais uma vez, a diretriz segura e benéfica para a fiscalização exercida, nos termos do mencionado dec. 9798-1938, pelo Conselho de Orientação Artística de São Paulo.

Qualquer informe a respeito pode ser obtido na Secretaria do Conselho de Orientação Artística, à Rua Onze de Agosto, 169-177, que fica ao dispor dos interessados, das 8 às 11 horas e das 13 às 18.

Palavras do Sr. Embaixador

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES

D. D. Presidente da Academia Brasileira de Letras

“RESENHA MUSICAL” — Honra a cultura brasileira e dignifica os seus inteligentes e esforçados dirigentes”

São Paulo, 2-3-1942

Empresa

Construtora Universal

Filiais em todos os Estados e Agências no interior

Rua Libero Badaró, 103-107 — Telefone 2-4550

End. Telegr.: "Construtora" — Caixa Postal 2999

— São Paulo —



VESTIDOS — MANTEAUX — CHAPÉUS

Últimas novidades para o inverno

Modas Jenny

A CASA DE MODAS DE MAIOR PRESTÍGIO NO PAÍS
152, RUA D. JOSÉ DE BARROS, 152
4.º andar (pavimento exclusivo) — TEL. 4-4537

O
BRINDE

ESTÁ NA

Qualidade



Café

Palmeiras

EXTRA

FINO

TINTURARIA



SAXONIA

LAVAM — LIMPAM — TINGEM-SE

Oficina e Escritório:

Rua B. de Jaguará, 980 — Tel. 3-7214

Agência:

Rua Senador Feijó, 50 — Tel. 2-2396



Marca Registrada

TAPETES FEITOS A MÃO

Executam-se sob encomenda em qualquer estilo e formato

MANUFATURA DE TAPETES

Santa Helena Ltda.

Matriz — São Paulo

R. ANTONIA DE QUEIROZ, 183

Fone: 4-1522

Filial — Rio de Janeiro:

R. DO OUVIDOR, 123 — 1.º ANDAR

Fone: 22-9054